

# Como o “Lion Rock Spirit” bloqueou os chamados de greve em Hong Kong

FONTE: [Lausan](#) | 17/09/2020 | TRADUÇÃO: Charles Rosa

*‘Libertem Hong Kong, A revolução de nossos tempos’ não é apenas um canto qualquer; é uma ideia enraizada em uma política descolonial.*

Nos quatro meses do movimento anti-extradição de Hong Kong a partir de novembro de 2019, as pessoas muitas vezes só podiam ser mobilizadas para ir às ruas nos fins de semana. O movimento local sempre foi dominado por esses protestos de rua, mas eles não foram a estratégia mais eficaz de resistência. Qualquer uso da força pelos manifestantes foi inevitavelmente diminuído em face da escala extremamente desproporcional da violência policial, o que significa que enfrentar todos os fins de semana provavelmente teve muito pouco impacto sobre o estabelecimento. Na verdade, ficou ainda mais difícil para nós forçar o governo a fazer grandes concessões nas ruas. O movimento parece ter chegado a um impasse ao mesmo tempo que se desenvolveu e evoluiu.

Além dos constantes protestos de rua, também houve inúmeros chamados de greves para interromper o funcionamento do dia-a-dia da cidade, obrigando o governo a fazer concessões. Mas as greves estimuladas pelo movimento muitas vezes duraram apenas um dia e tiveram pouco impacto nas operações econômicas de Hong Kong. Essas breves greves, como a de 5 de agosto de 2019, basicamente estenderam a luta do fim de semana em um único dia da semana. Essas greves de um dia e meio não injetaram muita energia nova no movimento e, portanto, mal realizaram todo o seu potencial. A partir dessas greves, podemos desvendar as dificuldades que organizações e participantes enfrentaram e os

sintomas do fracasso histórico das ações grevistas em Hong Kong.

## **O enfraquecimento do poder sindical**

Durante o período colonial, os trabalhadores industriais, movimentos de trabalhadores e sindicatos em Hong Kong foram todos mais ou menos reprimidos pelo estado colonial soberano (香港政府) da época, a Grã-Bretanha. Nos anos 50 e 60, a política econômica em Hong Kong britânica seguiu os passos dos princípios do laissez-faire do governo britânico. O fato de capitalistas e trabalhadores se encontrarem em condições extremamente desiguais já era um modo de repressão. À medida que a lacuna se alargava à luz da negligência sistemática dos trabalhadores, os capitalistas encontraram seu caminho para o poder totalmente desobstruído.

Durante a Guerra Fria, o governo colonial criou diferentes políticas para conter a influência do Partido Comunista Chinês (PCC) em Hong Kong. Isso incluiu a criação de leis anti-trabalhistas que restringiam o registro de sindicatos e proibiam os funcionários públicos de lançar greves e o apoio a tais ações em todos os setores profissionais. A formação dos sindicatos na época era politicamente carregada, demarcada de forma decisiva por um cenário político polarizado pelo PCCh e pelo Partido Nacionalista Chinês (KMT). Os sindicatos, portanto, tornaram-se, antes de mais nada, plataformas para disputas políticas, em vez de uma força para proteger os direitos dos trabalhadores. O poder sindical foi assim fragmentado.

Após o estabelecimento da República Popular da China, os sindicatos de esquerda trocaram sua luta pelo poder de negociação coletiva pela estabilidade social e se concentraram apenas nos benefícios para seus membros. O motivo de lucro por trás dessa tendência era claro; na época, um terço da receita da China nos mercados de câmbio estrangeiro vinha de Hong Kong, então o governo chinês naturalmente queria que a

sociedade de Hong Kong permanecesse o mais estável possível. Os sindicatos pararam de agitar pelos direitos dos trabalhadores, e os capitalistas prontamente repudiaram a instituição do sindicato enquanto negavam direitos unilateralmente. No rescaldo do caos da Guerra Civil e em meio à opressão do governo colonial, o poder sindical, antes da década de 1970, tornou-se cada vez mais estagnado.

Após os tumultos de 67, o governo colonial britânico em Hong Kong modificou seus métodos de governo e fortaleceu proativamente os direitos dos trabalhadores para recuperar a estabilidade. O governo desempenhava o papel de guardião do trabalhador, dando aos trabalhadores mais poder por meio de proteções legais, como a Portaria de Trabalho, que definia os termos do contrato, salário e licença, bem como outros benefícios dos trabalhadores. Os regulamentos relativos aos sindicatos também mostraram uma vontade de proteger os poderes dos trabalhadores de se sindicalizar, mas as disposições dessas leis permaneceram bastante limitadas. Essas mudanças legais enfocaram estritamente os direitos do trabalhador individual, mas não fortaleceram o papel dos próprios sindicatos. Como os trabalhadores encontraram suas proteções garantidas sem ter que depender de organização, os trabalhadores começaram a sair do movimento sindical. Consequentemente, o poder coletivo tornou-se um desafio e os sindicatos foram novamente enfraquecidos como resultado.

O prego final no caixão do movimento sindical foi a economia florescente de Hong Kong. As oportunidades estavam por toda parte. Quando os trabalhadores encontraram exploração, mudar de emprego para emprego tornou-se uma prática comum, pois os trabalhadores apenas procuravam melhores locais de trabalho em vez de recorrer aos sindicatos ou à lei. Isso parecia tornar os sindicatos mais ou menos obsoletos.

O poder sindical já era muito fraco após a transferência, e a maior parte acabou sendo absorvido pelo campo pró-estabelecimento. A Federação de Sindicatos de Hong Kong (FTU)

tornou-se a maior aliança de sindicatos de Hong Kong, compreendendo cerca de 200 sindicatos individuais de todos os tipos de profissões, incluindo transporte e logística, serviços e turismo. O objetivo do campo pró-establishment era desenvolver Hong Kong de forma constante, portanto, não tolerava greves políticas ou econômicas. Em recentes chamadas para a ação de greve, a FTU ordenou que seus membros permanecessem em seus cargos, como sempre.

Um alto grau de organização é necessário para qualquer greve de sucesso, e a capacidade de organização não surge simplesmente do nada: um dos pré-requisitos seria uma relação estreita entre o sindicato e o trabalhador. No entanto, os sindicatos que deveriam ter assumido a liderança na convocação e organização de greves já estavam enfraquecidos durante o período colonial, cooptados e remodelados como peões pró-establishment após a transferência. Agora então, como os retardatários remanescentes teriam sucesso na engenharia de um ataque em grande escala e fortemente coordenado? Com o atual vácuo organizacional, a perspectiva de uma greve em massa não é nada otimista. Presos em seu papel de “uma engrenagem na economia” (□□ □) – na verdade, o perene *homo economicus* – desde a era colonial britânica, os habitantes de Hong Kong continuam a lutar contra uma posição de vulnerabilidade.

### **A escravidão da ‘engrenagem’**

A ascensão meteórica de Hong Kong de uma vila de pescadores a um centro financeiro internacional foi inevitável durante o curso de acumulação e expansão sob o colonialismo britânico. E, no entanto, os britânicos não mediram o valor de Hong Kong pelo tamanho de seu território, mas pelos benefícios políticos e econômicos que traria. O Império Britânico aproveitou a localização oportuna de Hong Kong entre a China e o resto da Ásia para transformar Hong Kong em uma cidade apolítica e exclusivamente econômica. Sob as formações da Guerra Fria, o papel anterior de Hong Kong como entreposto deu lugar ao desenvolvimento da indústria leve. Os habitantes de Hong Kong,

estimulados pela abundância de bens de consumo, começaram a se concentrar em “conseguir aquele pão”.

À medida que a economia de Hong Kong disparava nos anos 70, os habitantes de Hong Kong começaram a se beneficiar desse quadro econômico. O sociólogo Lui Tai-lok aponta que os anos 70 de Hong Kong estavam em uma encruzilhada entre as forças do “tempo social” (時間) e do “tempo para a família” (家庭時間): a economia em expansão melhorou as condições de vida dos indivíduos, bem como suas famílias, enquanto a mudança na estrutura econômica criava cada vez mais posições de classe média e alta. Para uma nova geração, essas condições proporcionaram uma oportunidade privilegiada de mobilidade ascendente. Em particular, a indústria de vestuário deu a muitas pessoas pobres a chance de crescer e, embora fosse e ainda seja vista hoje como um setor de baixa qualificação, alguns trabalhadores conseguiram arrecadar mais de HK \$ 10.000 (US \$ 1290) por mês e passam a possuir propriedade privada, de acordo com depoimentos de operários aposentados.

Um período de crescimento econômico do final da década de 1960 à década de 1990 viu Hong Kong se tornar um dos Quatro Tigres Asiáticos, e a estrutura econômica de Hong Kong também começou a se transformar de indústria leve em economia de serviços. A convergência de “tempo social” e “tempo para a família” criou o “Lion Rock Spirit” (獅子山精神): a crença de que tudo que você precisava para criar uma família, ter uma vida boa e ser bem-sucedido era trabalho árduo e árduo e uma atitude positiva. Enquanto isso, a imagem de Hong Kong como um centro financeiro internacional foi consolidada. O estudioso de estudos culturais Law Wing-sang sugere que o governo colonial tentou ativamente criar uma “consciência local” apolítica para a sociedade de Hong Kong, a fim de prevenir futuros rumores na esteira dos motins de 1967.

Mais tarde, na década de 1970, quando o retorno iminente de Hong Kong à China foi reafirmado, o governo colonial embarcou em uma política de “descolonização” (去殖民化) construindo

habitações públicas, criando cidades-satélites, lutando contra a corrupção e planejando festividades como o Festival de Hong Kong para entretenimento coletivo. Esse processo de descolonização tinha como objetivo distinguir Hong Kong como diferente de outras cidades da China continental e inculcar um sentimento de pertencimento com base na identidade do Hong Kong. E, no entanto, os próprios habitantes de Hong Kong não tiveram agência nesse suposto movimento para desfazer a colonização. Eles eram rotineiramente proibidos de participar da política – o governo colonial só começou a criar um sistema semidemocrático nas décadas de 1980 e 1990 – o que levou à privação generalizada de direitos civis.

A administração colonial forjou propositalmente uma figura de Hong Kong claramente apolítica em uma isca que garantiu que o espaço vago da política fosse ocupado e oculto pela acusação de progresso econômico. Ao mesmo tempo, a era dourada da televisão abriu caminho para programas populares que enfatizaram as conquistas econômicas de Hong Kong. Nesse cenário da mídia, os habitantes de Hong Kong despolitizados foram alimentados com os valores da estabilidade e da prosperidade acima de tudo. Na década de 1980, quando a cultura local prosperou e um ethos pequeno-burguês apertou seu controle sobre a corrente dominante, o cidadão de Hong Kong como um ser econômico – dinâmico, empreendedor, confiante e curioso – elevou o individualismo e a meritocracia como a estrutura definitiva de vida.

A representação duradoura de Hong Kong como um centro econômico está profundamente enraizada, e o governo pós-transferência não tentou desvendar a identidade econômica dos habitantes de Hong Kong. O acadêmico Hui Po-keung afirmou que Hong Kong está atualmente em uma era de “despolitização” (去政治化) e “economização” (經濟化). As políticas do governo da Região Administrativa Especial focavam apenas na economia, e mesmo iniciativas aparentemente não relacionadas como a conservação do patrimônio foram contextualizadas em termos de

mercado, usando os lucros da indústria do turismo como incentivo. Não é difícil observar como a economia tem sido sistematicamente priorizada em relação à política no dia a dia. O resultado? A política como um todo foi demonizada como algo que “afetará a estabilidade da sociedade”.

A filósofa política Hannah Arendt, por exemplo, dividiu as atividades humanas em três esferas: labor, trabalho e ação. Labor e trabalho referem-se a regimes caçadores-coletores de sobrevivência e sustento, bem como atividades artísticas e técnicas que ajudam a tornar este mundo habitável, enquanto a ação engloba a interação humana, como o discurso, a retórica e a prática. Hui vê a construção do labor de Arendt como economificação, trabalho como uma forma e processo em direção ao gerencialismo e ação como participação pública na política. Hoje, os moradores de Hong Kong foram reduzidos a meras engrenagens neste mecanismo de labor, alienados da ação para lubrificar as engrenagens da economificação. O que se seguiu nada mais é do que o desaparecimento da política de massa. Instalados no mundo do labor e do trabalho, os habitantes de Hong Kong são reduzidos a unidades individuais e alienados do reino da ação organizada.

A despolarização e a repressão nas eras colonial e pós-colonial deixaram o movimento operário em um estado enfraquecido. Evitando a ação coletiva, muitos habitantes de Hong Kong interagem com a política sem consciência e intencionalidade, além de ver a greve como um meio para um fim, uma tática sem ideologia. A incompletude dessa consciência política contribuiu muito para moderar a energia para a ação de greve.

Filiar-se a sindicatos ou outras organizações políticas, no entanto, são ações que expandem a esfera pública e criam oportunidades para que pessoas com interesses semelhantes se conectem – pré-requisitos necessários para uma luta organizada e de longo prazo. Isso é especialmente importante para os grevistas porque qualquer participação afetaria não apenas os

próprios trabalhadores, mas também suas famílias; o alcance e a educação política precisam envolver cada participante de uma forma mais abrangente. As greves estudantis em Quebec foram bem-sucedidas apenas porque os organizadores levaram dois anos para chegar a todos os alunos do campus para discutir suas dificuldades e articular seus pedidos. Sem tempo suficiente para preparação, como uma greve pode ter sucesso? Dadas as barreiras de participação política que os Hong Kong têm enfrentado há muito tempo, não é de admirar que um bando de indivíduos convocando greves por conta própria, com quase nenhuma preparação e organização, teria resultado em fracasso.

### **Contra as crueldades da colonização, os habitantes de Hong Kong devem se libertar**

Após a Revolução dos Guarda-chuvas, o movimento do projeto de lei anti-extradição mais uma vez destruiu a ideia de Hong Kong como uma cidade voltada exclusivamente para a economia. Seus participantes escreveram um novo capítulo no desenrolar da história das políticas públicas da cidade. O fracasso das greves não pode ser entendido de forma simplista como deficiências morais e políticas pessoais, mas uma profunda erosão do poder sindical e da consciência de classe fundada em estruturas restritivas de controle colonial.

“Liberte Hong Kong, A Revolução dos Nossos Tempos” não é qualquer canto; é uma ideia enraizada em uma política descolonial. Essa “revolução de nossos tempos” deve dar o próximo passo para desvincular a humanidade do Hong Kong dos instintos e motivos da economificação, enquanto as pessoas reentram na arena pública da política para se conectar e se organizar. Vamos resolver nossos problemas juntos em uma revolução que não mais foge da consciência política.

***Marcos To escreve para Lausan, coletivo de escritores, intelectuais, artistas e ativistas de Hong Kong que luta para construir uma esquerda independente tanto do imperialismo chinês como do imperialismo ocidental.***